Carlos Gil: o jornalismo é sobre gostar de ouvir gente

06 de abril de 2021

Por Liz Tamane e Luiza de Menezes

Na manhã de terça-feira, dia 06, após alguns dias tentando marcar um horário para nossa conversa, Carlos Gil nos avisou que teria disponibilidade na quarta-feira de manhã do Japão. Daqui do Brasil, demoramos um certo tempo para perceber que, para nós, isso significava que seria naquele mesmo dia, só que à noite. Às 21h do horário de Brasília, 9h do horário de Tóquio, demos início a nossa entrevista com o correspondente da Globo no Japão.

Nascido e criado no Rio de Janeiro, Carlos Gil se graduou em jornalismo na Escola de Comunicação da UFRJ. Já trabalha na Rede Globo há 20 anos, e durante grande parte desse tempo, o jornalista carioca cobriu especialmente esportes. Participando da cobertura de grandes eventos, como Jogos Olímpicos de Verão e Inverno, Copas do Mundo, Fórmula 1, Eurocopa, entre outros. Atualmente, ele é correspondente da Globo em Tóquio, cobrindo conteúdos do continente asiático desde 2018.

Quando perguntamos a ele sobre a escolha de fazer jornalismo na época do vestibular, Gil disse que foi muito fácil escolher. Incentivado desde pequeno a ser um leitor assíduo pela mãe e um telespectador de jornais pelo pai, o jornalismo acabou sendo uma decisão natural para ele.

“Eu fui criança e adolescente numa época muito conturbada em termos de política no mundo, não só no Brasil. Eu cresci ali nos anos 80, numa época em que o Brasil teve uma turbulência grande de campanha pelas diretas, hiperinflação, primeira eleição presidencial depois da ditadura. E no mundo também né? Queda do muro de Berlim.

Logo depois veio a Guerra do Golfo. (...) Eu era uma criança que se interessava pelas notícias, e perguntava ‘O que tá acontecendo entre a União Soviética e os Estados Unidos?’. Eu com uns 10, 11 anos sabia o nome dos presidentes, eu sempre fui muito interessado” nos contou Gil.

Na época da faculdade, ele estava com a mente bem aberta para as oportunidades, e por acaso, seu primeiro estágio foi na área de televisão, na TV Bandeirantes. Lá ele diz ter tido bons chefes, que se preocupavam com o crescimento dele, assumindo o papel de orientadores, principalmente quando cometia cômicas falhas em que a famosa frase “deve ter sido o estagiário” pudesse ser reproduzida. Como, por exemplo, quando foi cobrir um incêndio numa clínica de estética em Niterói, e acabou pronunciando errado o nome francês do estabelecimento.

Depois da experiência na Bandeirantes, Gil foi para a SporTV, ainda como estagiário. Quando se formou, foi contratado e, posteriormente, transferido para o Esportes Globo. “Trabalhar com o esporte sempre foi um objetivo, não posso mentir. Desde moleque, quando meu grupo de amigos jogava jogo de botão, eu já era meio que o jornalista do grupo, narrava os jogos. Eu sempre gostei, e era um ávido leitor da Revista Placar, uma revista de futebol muito famosa nos anos 80/90, eu comprava toda semana. (...) E quando surgiu a oportunidade de me inscrever pro programa de estágio da Globosat, eu me inscrevi, porque a Bandeirantes era muito legal, mas queria experimentar outras coisas. E acabou que tinha vaga para o SporTV, então eu botei o SporTV como prioridade. Aí passei, fui pro SporTV, foi uma realização pra mim, eu me encontrei, fiquei muito feliz” afirma ele.

Após dois anos de formado, exercendo o a profissão de jornalista profissional, em 2000, Gil diz que deu cambalhotas de alegria quando viu seu nome na lista de repórteres escalados para cobrir as Olimpíadas de Sydney. Foi uma experiência espetacular para ele, que só tinha saído do Brasil uma vez para passear na Argentina, ir à Austrália, aos 23 anos.

Após realizar a cobertura de diversos e grandiosos campeonatos esportivos, como Fórmula 1, Jogos Olímpicos de Verão e Inverno, Eurocopa, Copa do Mundo, entre outros, ele diz que um dos eventos que ele lembra com mais carinho foi a Copa do Mundo de 2010, na África do Sul.

“A Copa do Mundo de 2010, foi uma coisa assim, eu já tinha feito Olimpíadas na Austália e China, já tinha feito Fórmula 1 algumas temporadas, já tinha feito Jogos Pan-americanos, enfim, outros eventos esportivos, mas nunca tinha feito uma Copa do Mundo. Então, a Copa do Mundo da África do Sul foi muito importante pra mim, era a cereja do bolo, um grande evento que eu queria muito fazer e não tinha feito ainda. E África do Sul foi muito incrível pra mim, ter conhecido o país, eu nunca tinha ido, era a primeira Copa no continente africano, tudo muito novo. Eu fiz muitas reportagens, não só de futebol. Então tava com uma equipe muito boa, com Fábio Brandão, que era o cinegrafista, somos super amigos e era a primeira Copa dele também. Isso criou um clima super legal, a gente estava como duas crianças num parque de diversões. Foi muito emocionante visitar a casa que Nelson Mandela viveu, o Museu do Apartheid...” Gil nos diz.

Para ele, os eventos no Brasil, como Copa do Mundo de 2014 e Olimpíadas do Rio em 2016, também foram muito marcantes também, principalmente pelo fato de que há 10, 15 anos atrás, ninguém acreditava que eles aconteceriam aqui no Brasil. A cobertura desses eventos foi muito legal para Gil, apesar de envolverem a corrupção, elefante branco e os gastos que ficaram, e que não poderiam ser jogados para de baixo do tapete.

Ele comenta que principalmente no futebol os torcedores são muito eufóricos e geram diversas situações cômicas: “A torcida mexicana, por exemplo, é muito conhecida por atrapalhar entrava ao vivo. Então cobrir um jogo do México, numa Copa do Mundo, você tem que ir preparado, você sabe que eles vão invadir mesmo, vão querer fazer alguma graça. Na Copa da África do Sul, eu cobri mais de um jogo do México, eu já tinha sido atrapalhado num jogo México x Uruguai numa partida anterior. Aí a nossa equipe resolveu se vingar né? A gente conheceu um grupo de brasileiros, e eu contei a história pra eles e pedi pra eles atrapalharem a entrada ao vivo que TV Mexicana estava fazendo na hora. Aí, eles foram e fizeram a maior bagunça. Depois eu fiquei com pena, mas foi nossa vingança contra os mexicanos”.

Segundo Gil, a torcida da Irlanda é conhecida por ser bem animada, já ganhou até prêmios da FIFA por isso, e na Eurocopa que ele cobriu, em 2016, na França, passou por alguns episódios engraçados com eles também. No meio da entrada ao vivo, os irlandeses chegavam e botavam

nele chapéu de St. Patrick, cachecol, faziam festa, abraçavam, beijavam e derrubavam cerveja. Essas experiências cômicas são frequentes e até previstas pelo jornalista, que diz levar na esportiva, afinal, “quem ta na chuva é para se molhar”.